

O dia mais feliz na escola: o que uma pesquisa sobre qualidade da educação pode sugerir para a educação para a paz

Maria Malta Campos¹

Qual foi seu dia mais feliz na escola? perguntou aos alunos a Consulta sobre Qualidade da Educação na Escola, promovida pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação, realizada em escolas públicas e particulares do Rio Grande do Sul e de Pernambuco.

Essa pergunta não refletiu apenas uma curiosidade da pesquisa. Ela foi incluída no questionário – aplicado a 176 alunos de 4^a e 8^a séries do ensino fundamental, de 3^a série do ensino médio e de classes de alfabetização de jovens e adultos de 21 escolas da capital e do interior dos dois estados – fundamentada em uma concepção abrangente de qualidade da educação, que não se restringe aos aspectos exclusivamente instrucionais do ensino, mas leva também em conta o contexto no qual se dá a aprendizagem, o que inclui o clima de convívio humano no ambiente escolar e a qualidade das interações de crianças e adultos no cotidiano.

As respostas trouxeram muitas revelações sobre a natureza das experiências vividas por crianças, adolescentes e jovens no ambiente escolar, que podem ajudar a iluminar o atual debate sobre a educação para a paz. Com efeito, é mais ou menos consensual o reconhecimento de que quando se trata de contemplar valores, padrões de convivência, atitudes e comportamentos, o processo de formação não acontece somente através de um tipo de aprendizagem predominantemente racional, por meio do conhecimento de determinados conteúdos organizados em disciplinas específicas, ou através de algum tipo de doutrinação verbal, mas principalmente por uma vivência compartilhada que respeite e faça refletir sobre esses valores e essas formas de convívio no ambiente da vida cotidiana, no contexto das relações dos educandos com os adultos, com seus pares e com o ambiente natural, cultural e social onde se situa a escola.

Nessa perspectiva, as experiências lembradas como felizes podem dizer muita coisa sobre os momentos vividos nas escolas que, na lembrança dessas crianças e adolescentes, os fizeram se sentir bem e realizados. Mas também podem revelar as experiências penosas, que causaram sofrimento e sentimentos de rejeição.

Pablo Latapí Sarre (1999), em seu livro *La moral regresa a la escuela*, onde discute a ética laica na escola mexicana, cita a interpretação de Paul Diel (1961), que considera como ponto de partida para a formação de valores a satisfação das necessidades. Segundo a síntese de Latapí, Diel vincula o conhecimento e a aceitação de si próprio à valorização do outro; caberia assim à educação guiar as pessoas em sua busca

¹ Este artigo baseia-se no relatório da pesquisa Consulta sobre Qualidade da Educação na Escola, promovida pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Ela foi coordenada pela Ação Educativa de São Paulo, com o apoio da Fundação Carlos Chagas no tratamento dos dados, e seu trabalho de campo foi realizado, em Pernambuco, pelo Centro de Cultura Luís Freire e, no Rio Grande do Sul, por uma equipe da Faculdade de Educação da UFRGS. Os coordenadores da pesquisa foram Camilla Croso Silva, em São Paulo, Nilton Bueno Fischer no Rio Grande do Sul e Carmen Lucia Bandeira em Pernambuco. A autora deste artigo trabalhou como assessora da pesquisa e responsável pela análise de dados e redação de seu relatório final.

de autenticidade, o que seria condição para atingir uma liberdade “responsável e madura”.

Entretanto, como ressalta Latapi, a autorealização não deve relegar a um segundo plano o exame crítico da realidade social, o que supõe o reconhecimento dos conflitos de valores inerentes a uma sociedade diversa, dinâmica e plural. Nesse ponto, a formação moral supõe o conhecimento dos conteúdos necessários para que os alunos possam situar sua realidade mais próxima em uma perspectiva histórica e cultural ampla.

Essa abordagem aproxima-se das posições defendidas por Georges Snyders em seu livro *A alegria na escola* (1986). O autor francês lembra que, nas sociedades modernas, as jovens gerações passam entre dez a vinte anos de suas vidas frequentando a escola; sendo assim, seria preciso pensá-la não só como um lugar de preparação para o futuro, mas também no seu presente. Snyders propõe uma renovação dos conteúdos culturais trabalhados na escola, na busca do que ele chama de “alegria cultural escolar”. O autor demonstra que essa alegria não é encontrada simplesmente pela reiteração da “cultura primeira” que as crianças trazem de seu meio, ou que recebem através dos meios de comunicação, mas sim pela ampliação dos horizontes culturais dos alunos que traz o conhecimento da “cultura elaborada”. Seria esse o caminho que permitiria conciliar o reconhecimento do “eu” aos laços que o ligam ao outro e ao conjunto da humanidade. Nas suas palavras, “a partir da alegria cultural, eu me construo, eu cresço”.

Sentir-se feliz, assim, poderia ser considerado um indicador – ao lado de outros – da qualidade humana do ambiente escolar onde crianças, adolescentes e jovens aprendem e se desenvolvem enquanto pessoas. Um dos ingredientes de uma educação para a paz.

O primeiro dia de aula

Os dados da pesquisa² trouxeram à luz uma gama de alegrias singelas presentes na vida escolar, muitas vezes esquecidas dos planos pedagógicos elaborados pelas equipes escolares. Entre elas, o primeiro dia na escola ou o primeiro dia de aulas de um ano letivo, ou às vezes o primeiro dia de aula naquela escola, surge, nas vozes dos alunos, como o dia mais feliz.

O primeiro dia de aula é lembrado como o mais feliz em 11% das respostas obtidas no Rio Grande do Sul³: “No primeiro dia de aula, estava muito ansiosa e feliz, queria ter entrado antes na escola.” (escola particular da capital); “Quando eu comecei no pré. Sabia que eu ia aprender.” (escola particular técnica rural do interior); “O dia que eu entrei aqui nessa escola. Adoro essa escola.” (escola municipal da capital); “O primeiro dia de aula porque conhecemos novas pessoas.” (escola municipal do interior).

Em Pernambuco, essa foi também a resposta dada por 12% dos alunos. “Foi o primeiro dia que cheguei na escola porque me senti muito bem em saber que eu ia para a escola aprender a ler.” (aluna de 18 anos de escola estadual do interior); “Foi o dia

² No final do artigo encontram-se duas tabelas com a classificação das respostas obtidas nessa questão, por estado. Os comentários incluídos neste artigo agrupam livremente os tipos de resposta, muitas vezes analisando grupos de respostas que aparecem divididos nas categorias que constam das tabelas. Nessa questão, foram analisadas 84 respostas do RS e 63 respostas de PE. Trechos da mesma resposta podem ter sido classificados em mais de uma categoria.

³ Nesse estado, a codificação das respostas não identificou os alunos por sexo e idade, como em Pernambuco.

primeiro, porque eu conheci novos amigos.” (aluno de 12 anos de escola municipal do interior).

Em alguns casos, a mudança para a escola atual aparece associada ao alívio em deixar para trás experiências discriminadoras: “O primeiro dia de aula, porque eu me senti muito alegre. Eu estudava em uma escola particular e não gostava, me sentia mal, os alunos ficavam me abusando de ‘negro’.” (aluno de 9 anos de escola estadual da capital).

Nesses depoimentos, o primeiro dia aparece tanto ligado à alegria de aprender como ao prazer de encontrar amigos e se sentir parte de um coletivo. No caso do menino de Recife, as doloridas lembranças da discriminação racial sofrida na escola anterior são contrapostas ao prazer de sentir-se aceito na escola estadual.

O conhecimento e o sucesso escolar

O motivo mais citado pelos alunos dos dois estados foi saber de sua promoção: passar de ano, ter boas notas, obter sucesso em alguma disciplina, são notícias associadas com o dia mais feliz por 25% dos alunos de escolas públicas e 11% daqueles de escolas particulares do Rio Grande do Sul e por 25% dos estudantes de escolas públicas e 50% daqueles de escolas privadas de Pernambuco.

Responde uma aluna de escola municipal do interior do Rio Grande do Sul: “Após ficar cinco anos fora da escola, voltei no segundo semestre de 98 e fui aprovada. Foi uma grande felicidade.” Mas a promoção também é importante para os alunos de escolas particulares: “Foi no ano passado quando passei de ano. Repeti a primeira série e fiquei muito triste.”

Esse aspecto foi mais enfatizado em Pernambuco do que no sul, especialmente pelos alunos das escolas particulares. “Quando eu passei de ano. Não sabia que ia passar. Quando tive a notícia fiquei feliz. Eu tinha certeza que não ia passar.” (aluna de 15 anos de escola particular do interior); “Quando tirei nota boa no trabalho de artes. A professora elogiou bastante, dizendo que estava ótimo.” (aluna de 15 anos de escola estadual da capital).

Um segundo grupo de respostas menciona diretamente a relação com o conhecimento como portadora de alegria.

Alguns alunos gaúchos (7%) citaram aspectos ligados ao ensino e aprendizagem para se referir ao dia mais feliz: “Quintas feiras porque tem matemática, educação física e português.” (escola particular da capital); “Quando iniciou a computação.” (escola municipal da capital – mais dois alunos dessa escola mencionaram os computadores).

Os aspectos diretamente ligados a aprendizagem são mencionados por 12% dos alunos de escolas públicas pernambucanas: “Foi no dia em que fiz um trabalho sobre Pernambuco, na terceira série. Foi muito bom.” (aluno de 10 anos de escola municipal da capital); “Foi no dia da feira de ciências, em que eu apresentei um trabalho de história, porque achei que me saí muito bem para explicar às pessoas que visitavam.” (aluna de 18 anos de escola municipal da capital); “Foi agora: o dia da paz na escola. A gente está fazendo um projeto falando sobre a paz.” (aluno de 11 anos de escola estadual da capital).

Os eventos

Para 35% dos alunos e alunas do Rio Grande do Sul, os eventos festivos e esportivos e os passeios são lembrados como o dia mais feliz na escola. Muitas respostas evocam as alegrias normalmente associadas à infância: “Quando veio um ônibus brincahã na escola e uns palhaços e outras pessoas do circo. Foi muito divertido.” (escola estadual de Porto Alegre – mais três alunos dessa escola mencionaram esse evento); “Foi no dia do jogo da quarta série, onde brincamos de caça ao tesouro, jogo de latas, varal.” (escola particular técnica rural); “O dia que jogamos bola, sempre é um dia feliz” (escola estadual do interior).

Em alguns casos, esses eventos são lembrados como ocasiões de sucesso pessoal: “No dia do show de talentos da escola onde eu apresentei uma dança e toquei flauta. É legal porque a gente vê os talentos de cada aluno.” (escola particular técnica rural); “Quando ganhei minha primeira medalha em jogos intercolégiais e primeira apresentação de teatro na Casa de Cultura de Caxias do Sul” (escola municipal do interior).

Também em Pernambuco, as festas, eventos e passeios foram muito citados. “No dia de São João, porque a escola colocou o carro de som e deu uma volta na praça, achei muito bom.” (aluna de 10 anos de escola particular do interior); “O dia das crianças, porque teve festa e eu ganhei presente.” (aluno de 12 anos de escola municipal do interior); “Foi quando houve uma excursão ao museu da cidade do Recife, ao museu do exército e conhecer os pontos turísticos de Olinda.” (aluno de 20 anos de escola estadual do interior).

O esporte, bastante mencionado no sul, não foi lembrado por nenhum aluno de Pernambuco. Por outro lado, as feiras de ciências não foram mencionadas no sul, surgindo em Pernambuco em cinco respostas. “O dia da feira de ciências, porque aconteceram coisas diferentes na escola, como um jogo de matemática que eu não conhecia.” (aluno de 11 anos de escola estadual do interior). Como as amostras não podem ser consideradas como representativas da realidade escolar desses estados, não é possível saber em que medida essas respostas refletem práticas educacionais distintas entre eles.

Um dos aspectos comuns a esses eventos, tanto os esportivos como os culturais, é que todos costumam ser frequentados por pessoas de fora da escola e possibilitam que alguns alunos se sobressaiam individualmente em atividades nas quais se sentem competentes. Além disso, a convivência entre alunos, pais e professores nesses momentos, muito diferentes da rotina diária, pode contribuir para construir relações de confiança entre educadores e educandos, entre pais e professores.

O destaque que merecem essas ocasiões especiais aos olhos dos alunos de todas as idades, associadas ou não à aprendizagem de conteúdos escolares, deveria ser objeto de reflexão por parte dos educadores. Muitas vezes esses eventos são desvalorizados na programação escolar, a partir da visão de que “atrapalham” o desenvolvimento dos programas de ensino. No entanto, esses depoimentos mostram como essas atividades podem ser mobilizadoras e envolver os alunos intelectual e emocionalmente, quebrando a sensação de que “todos os dias na escola são os mesmos” (aluna de 14 anos de escola municipal de Recife).

As amizades

Os aspectos ligados à afetividade surgem mais diretamente quando relacionados a amizades entre colegas e ao contato com professores queridos e admirados.

As amizades entre colegas são experiências significativas na socialização das crianças e adolescentes na escola, como mostram alguns depoimentos: “Foi quando eu fiz amizade com meus colegas. Eu estava brincando com eles e eles disseram que queriam ser meus amigos.” (escola particular técnica rural do interior do RS); “O último dia da gincana deste ano. Porque descobri que tinha amigos.” (escola municipal de Porto Alegre).

Os momentos de diálogo e aconselhamento vividos no relacionamento com os professores são também lembrados como os mais felizes, revelando a importância da figura humana do professor e da professora como referência na formação dos alunos.

“Foi o dia em que falei com a professora Marlene de português, conversamos sobre a vida, ela me deu muitos conselhos.” (escola estadual do interior do RS, que atende meninos de rua); “O dia que a professora Rosemeri voltou da licença maternidade”. conta um aluno de escola particular de Porto Alegre. Em Pernambuco, esses momentos foram só lembrados por estudantes das escolas públicas: “Foi um dia em que eu estudava na segunda série, porque teve uma festa muito boa de minha professora, que eu gosto muito.” (aluna de 10 anos de escola municipal rural do interior).

Uma relação positiva com o professor motiva até mesmo uma mudança de atitude em relação à experiência de fracasso escolar: “Foi quando eu fui reprovado e veio aquela sensação ruim. Foi triste mas também foi feliz. Quando um professor conversou comigo eu percebi o quanto eu havia perdido, mas foi feliz porque a partir daquele momento passei a me sentir estimulado a estudar. Passei a me sentir feliz.” (aluno de 18 anos de escola municipal de Recife).

Porém, os professores podem ser também motivo de decepção e frustração, como mostram algumas queixas registradas nessas respostas: “Quando os professores não gritam com a gente e que saibam conversar que nem gente.” (escola municipal do interior do RS); “Quando entendo o que a professora fala.” (aluna de 11 anos de escola estadual do interior de PE); “O dia em que teve todas as aulas em 2000.” (aluno de 22 anos de escola estadual de Recife).

Sentir-se aceito

Algumas respostas obtidas em Pernambuco revelam como pode ser marcante para o aluno sentir-se valorizado e respeitado em sua identidade pessoal no ambiente escolar⁴. Dois alunos descrevem situações em que se sentiram bem aceitos na escola: “Foi quando deixaram o grupo de capoeira que participo dar um curso aqui na escola.” (aluna de 18 anos de escola estadual do interior); “Foi quando eu recebi autorização da escola para realizar um culto evangélico no pátio da escola.” (aluno de 26 anos de escola municipal rural do interior).

⁴ Respostas classificadas em “outros” na tabela 2 em anexo.

Essas respostas, assim como aquela que menciona o racismo, reproduzida anteriormente, tocam em questões ligadas à diversidade cultural. Essas questões foram também abordadas em vários depoimentos colhidos de professores, diretores, funcionários e pessoas da comunidade, pela mesma pesquisa, especialmente em Pernambuco. Nesse estado, a equipe de campo que visitou as escolas e aplicou os questionários relatou que a necessidade de se respeitar a identidade dos alunos negros e de evitar a discriminação surgiu com força em muitas situações de entrevista. Esses pesquisadores também notaram o desconforto de muitos alunos com o item da folha de identificação pessoal que perguntava sobre como se classificavam quanto à cor da pele. São sinais de que este é ainda um tema com o qual a escola tem dificuldades em lidar, apesar dele atravessar toda a sociedade brasileira, sendo que o ambiente escolar é um local onde esta e outras discriminações se manifestam constantemente, como mostram muitos estudos recentes⁵.

Alegria, felicidade e paz

Para quatro alunos do Rio Grande do Sul, sendo três da mesma escola, nunca houve um dia feliz na escola: “Eu não tive ainda um dia feliz.” (escola municipal do interior); “Não posso dizer que tive um dia assim, feliz.” (escola particular da capital).

Também em Pernambuco, quatro alunos, todos de escolas públicas, dizem nunca ter tido um dia feliz na escola: “Todos os dias na escola são os mesmos. Ainda não teve esse dia ‘mais feliz’ assim não.” (aluna de 14 anos de escola municipal da capital).

Em contraponto, alguns responderam que todos os dias são felizes. No conjunto, a maioria das respostas chega a surpreender: o dia mais feliz traz lembranças de fatos que são comuns ao cotidiano escolar, traçando um quadro menos alarmante dessas escolas, principalmente das públicas, do que aquele hoje predominante nos meios de comunicação.

Com efeito, o conjunto dos dados obtidos pela pesquisa, que também ouviu as equipes escolares, os pais e pessoas da comunidade, revela que muitos dos problemas de qualidade apontados nas respostas não são de difícil solução. Nas escolas particulares do sul, por exemplo, alguns professores queixam-se de falta de horários para reunir-se com os colegas e planejar em conjunto seu trabalho. Em Pernambuco, a maioria das queixas, principalmente nas escolas públicas, refere-se a problemas de infraestrutura: falta de manutenção dos prédios, falta de equipamentos e materiais didáticos.

Nos dois estados, as equipes escolares também comentam com bastante ênfase os aspectos ligados ao relacionamento com seus pares e com os alunos, seja para justificar o motivo de gostarem de trabalhar naquela escola, seja no momento de apontar problemas que precisam ser superados.

Outra questão importante é que as respostas demonstram como é artificial a divisão estabelecida entre aspectos cognitivos e afetivos da educação. Lembrando-se do dia mais feliz, os alunos trouxeram momentos de sua aprendizagem e progresso escolar: o dia em que chegaram os computadores, os projetos temáticos, as aulas das disciplinas de que gostam, as boas notas, a formatura. Como quer Snyders, o acesso ao conhecimento faz parte da alegria na escola.

⁵ Ver, entre outros, o livro organizado por Eliane Cavalleiro (2001).

Entretanto, o reverso da medalha é que, em algumas respostas dos alunos, o dia mais feliz indica que aquilo que deveria ser rotineiro, normal no dia a dia escolar, acontece raramente, a ponto de se constituir na lembrança de um dia especial. Retornando à discussão inicial, pensar em uma educação para a paz na escola, supõe, como ponto de partida, uma autoavaliação de cada equipe escolar a respeito do clima de relacionamento humano vivido no cotidiano e uma discussão franca sobre o que é preciso fazer para torná-lo cada vez mais positivo. Dar voz aos alunos e familiares é fundamental nesse processo. Sem essa base, qualquer exortação moral ou defesa de princípios éticos corre o risco de cair no vazio.

Tabela 1. Número e porcentual dos aspectos relacionados pelos alunos/as ao seu dia mais feliz na escola, por escolas particulares e públicas, RS

Aspectos mencionados nas respostas	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. passar de ano, ser aprovado	3	11,5	16	25,4	19	21,3
b. 1º dia de aula, volta das férias, 1º dia na escola	2	7,7	8	12,7	10	11,2
c. formatura	3	11,5	1	1,6	4	4,5
d. festas, eventos	4	15,4	8	12,7	12	13,5
e. esporte, jogos, gincanas	5	19,3	5	7,9	10	11,2
f. passeios, visitas	—		5	7,9	5	5,6
g. aulas, estudo, computador	2	7,7	4	6,3	6	6,7
h. professores	1	3,8	2	3,2	3	3,4
i. outros	3	11,5	5	7,9	8	9,0
j. todos os dias	2	7,7	2	3,2	4	4,5
k. nunca teve um dia feliz, não sabe	1	3,8	7	11,1	8	9,0
Totais (100%)	26		63		89	

Tabela 2. Número e porcentual dos aspectos relacionados pelos alunos/as ao seu dia mais feliz na escola, por escolas particulares e públicas, PE

Aspectos mencionados nas respostas	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. passar de ano, bons resultados, notas boas	8	50,0	10	17,9	18	25,0
b. 1º dia de aula, volta das férias, 1º dia na escola	4	25,0	5	8,9	9	12,5
c. festas, eventos, passeios	2	12,5	11	19,6	13	18,1
d. feira de ciências, feira cultural	1	6,3	4	7,1	5	6,9
g. aulas, trabalhos específicos, computação	—		9	16,1	9	12,5
h. amizades, professores	—		6	10,7	6	8,3
i. outros	—		5	8,9	5	6,9
j. todos os dias	1	6,3	2	3,6	3	4,2
k. nunca teve um dia feliz, não lembra	—		4	7,1	4	5,6
Totais (100%)	16		56		72	

Referências Bibliográficas

CAMPANHA Nacional pelo Direito à Educação. *Consulta sobre qualidade da educação na escola*. São Paulo: Ação Educativa, 2001. (versão preliminar, mimeo)

CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação*. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2001.

DIEL, Paul. *Les principes de l'éducation et de la rééducation sur l'étude des motivations intimes*. Suíça: Delachaux et Nestlé, 1961. (citado por Latapí Sarre, pp. 135-138)

LATAPÍ SARRE, Pablo. *La moral regresa a la escuela*. Una reflexión sobre la ética laica en la educación mexicana. Cidade do México: Plaza y Valdés/Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.

SNYDERS, Georges. *La joie à l'école*. Paris: PUF, 1986.

ANEXO 2:

Questionários